

DIREITOS HUMANOS

Direito Humano à Liberdade Religiosa e o Povo de Santo

Por Walkyria Chagas da Silva Santos

Pós-graduanda em Direito do Estado - Fundação Faculdade de Direito da Bahia-UFBA. – Brasil

E-mail: kyriachagas@yahoo.com.br



“O candomblé sobrevive até hoje porque não quer convencer as pessoas sobre uma verdade absoluta, ao contrário da maioria das religiões”. (Pierre Verger)

Na segunda edição da nossa coluna, vamos tratar de um tema que tem afligido muitos negros brasileiros, a violação ao direito humano à liberdade religiosa. O dia 21 de janeiro é a data nacional de combate à intolerância religiosa, e nós não poderíamos nos furtar de tecer comentários sobre a luta dos afro-descendentes pela efetivação do direito de cultuar as suas divindades, os seus antepassados.

O direito à liberdade religiosa está assegurado em diversos diplomas, sejam eles nacionais ou internacionais, a exemplo da Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas em religião ou crença,

proclamada em 1981 pela Organização das Nações Unidas; o art. 5º, inciso VI, da Constituição Federal; o art. XVIII, da Declaração Universal dos Direitos Humanos; e, as propostas 110 e 113 do Programa Nacional dos Direitos Humanos.

Visando combater a idéia de inferioridade da história, cultura e religião dos afro-descendentes foram promulgadas as Leis nº10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

É preciso lembrar a origem deste ódio e perseguição religiosa para compreender porque os afro-descendentes que são praticantes de religiões de matriz africana são tão discriminados e são os que mais sofrem os efeitos da intolerância religiosa em nosso país.

Os negros africanos ao desembarcarem no Brasil viram toda sua história ser “rasgada” e tudo que estivesse relacionado ao seu mundo ser adjetivado como impuro, como algo primitivo e que deveria ser combatido e proibido.

A impossibilidade do culto as divindades africanas e aos seus ancestrais, resultou na conversão de alguns a religião católica e outros camuflaram os seus rituais, associando os santos católicos aos orixás, bacuros, inquices e voduns.

Ao serem retirados de sua terra natal e submetidos à escravidão, os negros africanos perderam quase tudo, em África ficou o que possuíam como referencial, povos de várias partes, muitas vezes inimigos tribais, tiveram que conviver num mesmo espaço, num mesmo latifúndio. Mas havia algo que ligava estes povos e que resistiu ao tempo e as perseguições, a religião, as raízes ligadas à ancestralidade e a fé nas suas divindades.

Em solo brasileiro, nas senzalas, nos quilombos, nas matas e nos terreiros eles recriaram o espaço africano, buscando refugio para a situação degradante em que viviam. Apesar da distância física, a África continuava pulsando no coração de seus filhos, por isso, contra toda adversidade, a partir da junção das crenças e costumes dos diferentes povos, os filhos africanos conseguiram recriar no Brasil a sua cultura e religião, implantando a sua cosmovisão includente, imanente, dinâmica e alternativa.

Os africanos responderam a hostilidade sofrida, a escravidão, com amor, ao invés de introjetar o ódio do dominador, recriaram instituições baseadas em sua cosmovisão, e forneceram aos brasileiros as principais manifestações culturais, influenciaram a religião, a arte, a culinária e a vestimenta.

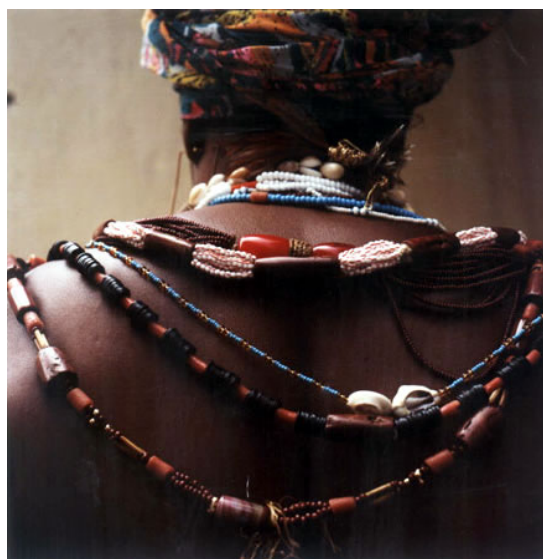
Em África cada cidade-estado cultuava penas uma divindade. Mas aqui no Brasil, devido à situação de escravidão, em que propositalmente as famílias e povos foram separados, é possível encontrar nos terreiros filhos de Xangô, Oxossi, Oxum, Iansã, dentre outros orixás, convivendo harmonicamente no mesmo espaço. Das diversas divindades existentes em África, são cultuados atualmente no Brasil, uma média de 16 orixás do panteão africano.

A inferiorização da religião africana propagada durante séculos pela Igreja Católica resultou no cenário de discriminação e ódio, foi assim que Exu, o dono dos caminhos e das encruzilhas, foi “sincretizado” como o diabo.

No Brasil há quatro tipos de candomblé, ou candomblé de quatro nações: *Ketu* – povo nagô, *Jeje* – povo nagô, *Angola-congo* – povo banto, considerado um culto mais abrazeirado; *Candomblé de caboclo* – influenciado mais pela umbanda, seus seguidores cultuam os caboclos.

A religião africana baseia-se no culto as quatro forças da natureza: terra, fogo, água e ar, cada divindade está ligada a uma destas forças, e possuem suas próprias cores, animais, comidas, cânticos, saudações e insígnias.

Há várias denominações para as religiões de matriz africana, são elas, apenas a nível de citação, *Umbanda*, *Candomblé* - Bahia, *Omolocô* – Distrito Federal e Rio de Janeiro, *Tambor de*



Mina – Maranhão e Pará, *Xangôs* – Pernambuco e Alagoas, *Batuques ou Parás*– Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, *Macumba*- Rio de Janeiro e São Paulo, *Candomblés-de-caboclo*- faixa litorânea da Bahia ao Maranhão, *Catimbós* – nordeste, *Batuques ou Babaçuês*- Amazonas, Pará e Maranhão, *Cabula* - Espírito Santo, *Terecô* (culto indígena-afro) - Goiás e Maranhão.

Mais de um século de abolição da escravatura não resultou em melhor condição de vida para o afro-descendente, nem apagou o desrespeito devotado as suas crenças, culto e religião. Hoje a maior perseguição sofrida pelos seguidores das

religiões de matriz africana, é realizada pelos adeptos das igrejas evangélicas, que em seus discursos tem incentivado o ódio religioso.

O Estado brasileiro é laico e deve garantir a liberdade religiosa, todavia em alguns casos representantes do Estado têm agido como os verdadeiros algozes dos praticantes das religiões de matriz africana.

Vários fatos comprovam que no Brasil, apesar da diversidade não há respeito efetivo as diferenças. Como exemplo de intolerância religiosa é possível citar, a publicação, em 1999, de uma foto da mais alta sacerdotisa do terreiro Ilê Axé Abassá de Ogum, localizado em Itapuã (Salvador), numa reportagem da Folha Universal intitulada "Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes". Mãe Gilda morreu de infarto em 21 de janeiro de 2000, um dia após assinar a procuração para a abertura do processo contra a Igreja Universal do Reino de Deus. E em sua homenagem, o dia da sua morte é a data nacional de combate à intolerância religiosa.

Outro caso que merece destaque foi a destruição do Centro Cruz de Oxalá no Rio de Janeiro, em junho de 2008, resultando em insulto aos fiéis, na destruição de utensílios e de imagens, algumas estavam no Centro há mais de 80 anos, desde a fundação.

Vale citar, a derrubada parcial do Terreiro Oyá Onipó Neto, no Imbuí em Salvador, no dia 27 de fevereiro de 2008, por técnicos da Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município (Sucom), o Oyá Onipó Neto está incluído no projeto de Mapeamento dos Terreiros de Salvador, mesmo assim, foram destruídos adereços, indumentárias, assentamentos e objetos de valores significativos.

Não poderia deixar de ser mencionado, o episódio ocorrido durante a 4ª caminhada Pela Vida e Liberdade Religiosa, realizada em 23 de novembro de 2008, em Salvador. No início da caminhada praticantes de outras religiões jogavam no povo de santo água e óleo unguídos, além de gritar insultos.

Estes exemplos demonstram que o direito humano à liberdade religiosa ainda não foi alcançado pelas praticantes de religiões de matriz africana. A sociedade precisa se conscientizar da diversidade que é composta para que este direito seja efetivado.

A humilhação impostas àqueles que são vistos como “diferentes” deve ser combatida, a discriminação, a agressão gerada pelo ódio religioso, viola um dos direitos humanos que garante a liberdade e a dignidade dos seres humanos.

Há uma frase do líder religioso Sathya Sai Baba que deveria ser analisada e praticada pelos fiéis de todas as religiões, “Se você critica a fé dos demais, sua devoção é falsa. Se você fosse sincero, apreciaria a sinceridade dos outros. Você vê erros nos outros porque você mesmo os tem, não os outros”.

O Brasil possui uma dívida histórica com os negros, não só pela escravidão e pelas péssimas condições de vida impostas ao povo africano, mas também pela inefetividade do direito humano à liberdade religiosa aos seguidores das religiões de matriz africana.



Os terreiros são locais sagrados, que guardam não só as raízes da religião africana como também a memória, a história de resistência e cultura do povo negro brasileiro, por isso, seus objetos de culto, suas festas e celebrações devem ser respeitados, para que o direito a liberdade religiosa seja efetivado e materialmente

garantido para os seus praticantes. É necessário a concretização deste direito humano básico, sem o qual os afro-descendentes não poderão viver com dignidade.

O brasileiro foi ensinado a odiar e discriminar as religiões de matriz africana, mas uma cultura de respeito pode ser implantada, basta a sociedade abraçar a idéia de que Deus, Olorum ou Javé é amor, é união. Sendo assim, onde a força criadora do Universo estiver sendo reverenciada deve haver garantia de manutenção do culto e crença.

Vamos cultivar o amor ao próximo e respeito a liberdade religiosa, ensinaram-nos a odiar, mas podemos aprender a amar e conviver em harmonia. Parafraseando Nelson Mandela “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Deixo uma linda oração dedicada aos orixás para encerrar a coluna. Axé!

Oração aos Orixás

Com todo meu louvor
Saúdo ao meu povo
Bato cabeça na frente de meu conga
Em reverencia aos meus orixás
Louvo Oxossi, Ogum e Oxalá
Naná, Oxum e Iemanjá
Omulu, Logum e Bará
Ossãe, Xangô e Oyá
Oxumaré, Obaluae e Oba
Sua benção meus pretos-velhos
Meus caboclos e marinheiros
Não esquecendo também
Os baianos, ciganos e boiadeiros,
Salve todo o povo de rua
Meus "cumpadres" e "cumadres"
Os malandros e os cangaceiros .
Salve a Umbanda e seu axé
As Nações e o Candomblé
Que assim seja!!!!

REFERÊNCIAS

Umbandistas atacados vão cobrar indenização na Justiça. Disponível em:
<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,MUL588075-5606,00.html>

Iurd recebe condenação inédita por intolerância religiosa. Disponível em:
<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=964824>

Revista Diversidade Religiosa e Direitos Humanos. Disponível em:
http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/.arquivos/cartilhadiversidade_religiosaportugues.pdf

Série "Vozes Negras no Brasil". Disponível em:
http://www.parceria.nl/especiais/vnnb070510/vn070516_religioes

Sucom inicia demolição de terreiro na Av. Jorge Amado. Disponível em:
<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=844876>

Oração aos Orixás. Disponível em:
<http://www.aevb.org/component/content/article/10/703-oracao-aos-orixas.html>

Intolerância mais uma vez. Disponível em:
http://www.youtube.com/watch?v=6gmrD9HMtrl&feature=channel_page

Cultos afro-brasileiros. Disponível em:
<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/cultoafrobrasileiro.htm>